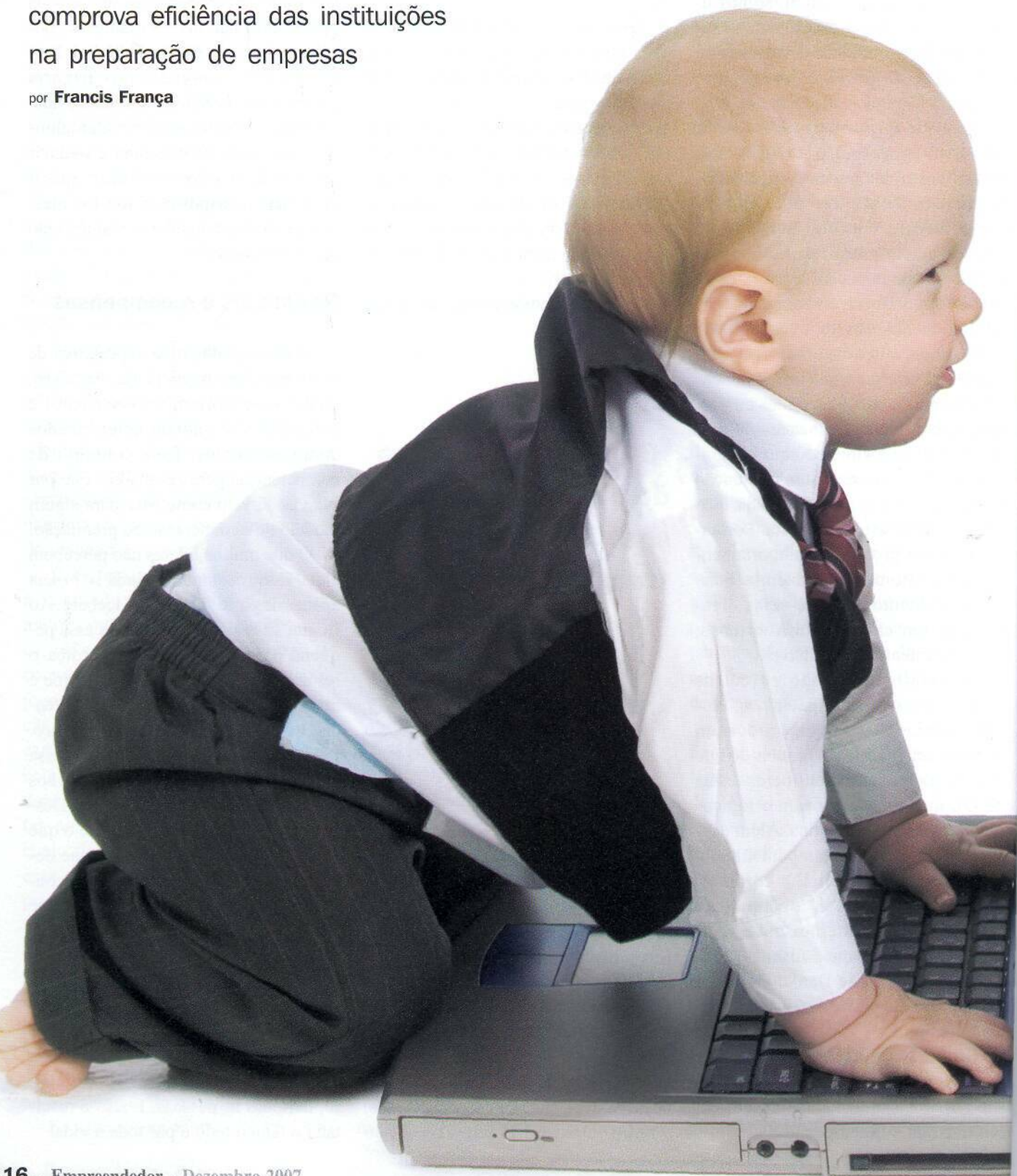


Berço esplêndido

Alta taxa de sobrevivência no mercado
comprova eficiência das instituições
na preparação de empresas

por **Francis França**



Berço do empreendedorismo seguro e competitivo, as incubadoras de empresas abrigam a elite da inovação brasileira. A taxa de permanência no mercado entre os empreendimentos que se formam nesses ambientes é em média de 80%, podendo superar os 90%, em algumas instituições. O segredo para tanto sucesso está na combinação de uma competição severa, que obriga empresas a já nascerem com potencial acima da média, e um elemento chamado sinergia—resultado do convívio desses empreendimentos em um mesmo espaço.

"Na incubadora, empreendedores que são sumidade estão imersos em um contexto muito favorável para formar redes de contato, agregar competências e ganhar capacitação sobre gestão", diz Ary Plonski, presidente da Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores (Anprotec). De acordo com dados da associação, mais de 1,5 mil empresas já se graduaram em incubadoras nas últimas duas décadas, e, hoje, cerca de 2,8 mil residem nas 393 incubadoras em operação de norte a sul do País, além de 2 mil associadas (também incubadas, mas sem usufruir da estrutura física).

Incubadoras são ambientes planejados para o desenvolvimento das empresas, que têm à disposição infra-estrutura física, serviços de consultoria em gestão administrativa e operacional, intermediação com instituições de ensino, pesquisa, governo e potenciais investidores. Presentes em mais de 40% das universidades federais, as incubadoras também oferecem laboratórios, oficinas para a construção de protótipos e orientação mercadológica para levar as idéias inovadoras ao mercado.

De acordo com o Panorama 2006,

da Anprotec, 41% das incubadoras no Brasil atuam exclusivamente na área tecnológica, que inclui nanotecnologia, biotecnologia, informática, eletrônica, robótica, mecânica, etc. Atualmente, vem crescendo a participação em outras áreas, como cultural e social. As incubadoras estão concentradas principalmente nas regiões Sul e Sudeste do país, empataadas com 127 cada. Mas a região que mais cresce é a Nordeste, que passou de oito instituições em 2003 para 28 no ano passado.

Responsáveis pela geração de 33 mil empregos diretos (40% de nível superior), as incubadoras preparam as empresas para um mercado de vulto. Nos últimos 20 anos, estima-se que o sistema tenha colaborado para a geração de aproximadamente R\$ 400 milhões em impostos. Somente no ano passado, a participação das empresas graduadas e incubadas na economia brasileira foi de R\$ 2 bilhões.

Para ter acesso a esse grupo, o maior desafio é enfrentar processos seletivos rigorosos e conseguir ingressar em uma incubadora. O primeiro passo é participar de um edital de seleção, em que são avaliados os projetos de acordo com o grau de inovação e o potencial mercadológico do produto ou serviço a ser desenvolvido. Os editais exigem a apresentação de um plano de negócios, e muitas das incubadoras têm roteiros e uma equipe técnica para orientar os candidatos na elaboração. A última etapa é a entrevista, para tirar dúvidas e medir o grau de conhecimento do empreendedor sobre seu próprio projeto.

No Centro Incubador de Empresas Tecnológicas da Universidade de São Paulo (Cietec/USP), o processo seletivo ocorre a cada quatro meses, e dez empresas são incubadas, em média. O Cietec já opera na capacidade máxima, com 128 residentes, o que aumenta a concorrência e exige muito mais do que um projeto inovador para vencer. De acordo com Sér-

Raio X do sistema

Incubadoras no Brasil: 393

Empresas graduadas: 1,5 mil

Empresas residentes: 2,8 mil

Empresas associadas: 2 mil

Tempo médio de incubação: 4 anos

Tamanho de equipe das incubadoras: média de 5

Empregos gerados por incubadoras e parques tecnológicos: 33 mil

Taxa de mortalidade das empresas incubadas: menor do que 20%

Fatores econômicos

Faturamento anual das empresas graduadas: R\$ 1,6 bilhões

Faturamento anual das empresas incubadas: R\$ 400 milhões

Impostos gerados nos últimos 20 anos: R\$ 400 milhões

Custo de implantação e operação das incubadoras e parques nos últimos 20 anos: R\$ 430 milhões

Recursos públicos ou de entidades parceiras aplicados nas incubadoras e parques nos últimos 20 anos: R\$ 150 milhões

gio Risola, gerente-executivo da incubadora, durante a seleção, o candidato precisa provar que tem um bom histórico acadêmico e empresarial, além de capacidade financeira para desenvolver o projeto.

"Entender um pouco do passado do candidato é importante para que a gente não acabe incubando alguém sem condições. É uma etapa delicada, mas importante para não perder tempo, nem o nosso nem o dele. Sem falar no dinheiro, que muitas vezes é a economia de uma vida toda. Tem que ser rigoroso", explica Risola. Segundo levantamento da Anprotec, o custo médio para geração de uma empresa inovadora é de R\$ 70 mil. Na entrevista, o candidato precisa

Incubadoras

provar que tem capacidade financeira para abrir o negócio sem depender de recursos de terceiros, como agências de fomento ou investidores.

Assim que consegue entrar na incubadora, a empresa já começa a se preocupar com outro grande desafio, que ocorrerá, em média, dali quatro anos: a hora da graduação. O ambiente favorável das incubadoras, com assistência jurídica, contábil e de gestão, muitas vezes acostuma mal os empreendedores e, na hora de voltar para o "mundo real", as dificuldades acabam inviabilizando o negócio. "O subsídio que as empresas têm aqui dentro não pode ser levado em consideração na hora de fazer a contabilidade. O empreendedor precisa considerar que o preço do produto deve ter embutido uma série de custos que ele ainda não tem dentro da incubadora", diz Risola. O gasto de manutenção de uma empresa dentro do Cietec é de aproximadamente R\$ 750 por mês e, segundo Risola, para o mesmo empreendimento se estabelecer do lado de fora dos muros da instituição, incluindo aluguel de imóvel, internet, segurança e todos os custos operacionais, além das despesas fiscais, os custos são dez vezes maiores.

Para arcar com esses custos, mui-

tas empresas recém-graduadas contam com investidores de capital de risco, também conhecido como venture capital ou capital empreendedor. Apesar de recentes no país, os investimentos em micro e pequenas empresas de inovação tecnológica vêm crescendo continuamente, principalmente a partir de 2001, com o apoio da Financiadora de Estudos e Pesquisas (Finep) e do Sebrae. De acordo com estudo publicado pela Anprotec, em 1999 esse tipo de investimento já ultrapassava a soma de US\$ 3,7 bilhões no Brasil. Um ano depois, batia a cifra de US\$ 4,95 bilhões e, em 2004, o país já contava com 71 organizações gestoras de 97 fundos, que, juntos, somavam US\$ 5,8 bilhões.

Apoio administrativo

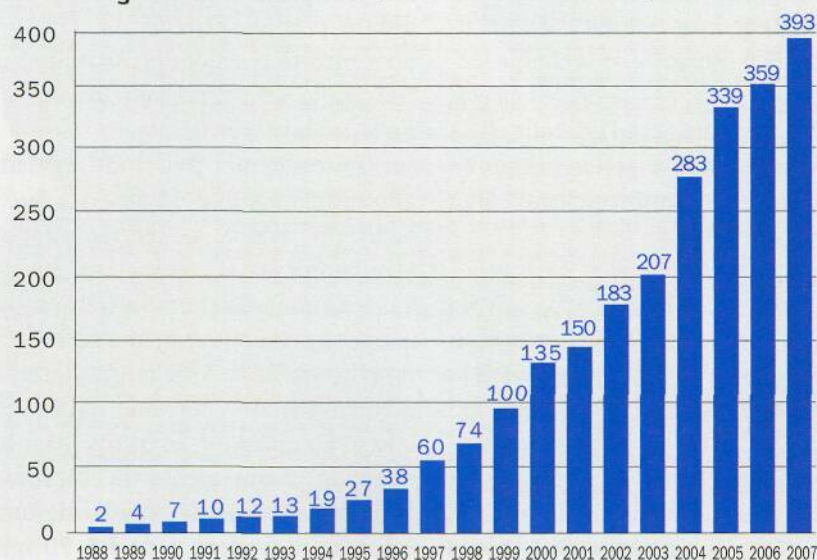
Além dos recursos financeiros, a década de 1990 também trouxe mais capacitação em gestão administrativa para o sistema de incubação brasileiro. Em 1991, o Sebrae passou a apoiar o movimento, dando, além de recursos financeiros, acesso aos produtos e serviços que oferece, como consultorias e assessorias especializadas. Só no Estado de São Paulo, o Sebrae apoia 76 incubadoras, e mais de 1,5 mil empre-

sas foram ou estão sendo beneficiadas pelo programa. "O Sebrae/SP tem esse programa, é como uma ação estruturante, porque a empresa incubada, além de aproximar a inovação da sociedade, traz essa química do desenvolvimento do empreendedorismo e oportunidade de mercado em um ambiente bastante apropriado", diz Marcelo Dini, consultor do Sebrae/SP.

O Centro Incubador de Empresas Tecnológicas do ParqTec de São Carlos (Cinet), incubadora mais antiga da América Latina, firmou parceria com o Sebrae em 1997, e, de lá para cá, a taxa de criação de empresas cresceu 100%, e a mortalidade das graduadas caiu 50%. De acordo com Sylvio Goulart Rosa Júnior, presidente do Cinet, o programa de apoio do Sebrae às incubadoras é um dos mais bem-sucedidos do mundo, pela competência de gestão que agregou à incubação.

Goulart está no Cinet desde a sua criação, em janeiro de 1985, e acompanhou de perto a evolução do sistema de incubadoras. Segundo ele, a taxa de sucesso das empresas graduadas nem sempre foi alta, principalmente devido à macroeconomia e aos planos econômicos que o Brasil teve nos últimos 20 anos. "Tivemos uma melhoria significativa com o Plano Real, além

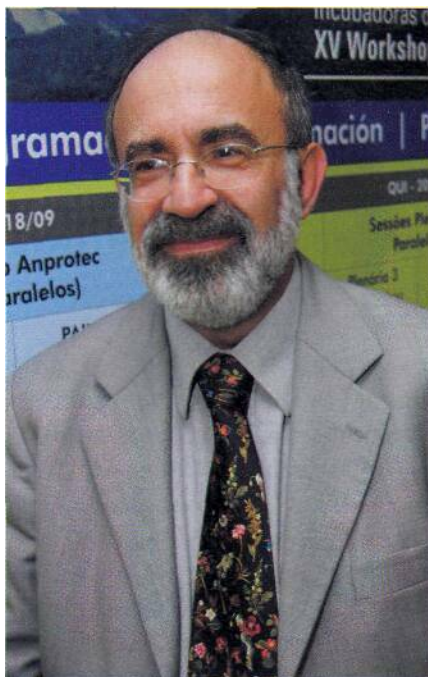
Evolução no Brasil (número de incubadoras)



do aumento na experiência de gestão das incubadoras, com a qualificação dos gerentes e aperfeiçoamento no sistema seletivo das empresas", diz.

A maioria das incubadoras no Brasil são entidades sem fins lucrativos, e 70% estão vinculadas a universidades ou centros de pesquisa. A iniciativa de criar uma incubadora geralmente parte dessas instituições, mas também é possível participar de editais para criá-las. Segundo dados da Anprotec, a instituição interessada deve desenvolver um plano de negócios da incubadora, que servirá de subsídio para a participação em editais específicos, geralmente lançados por instituições de apoio ao empreendedorismo e à inovação como Sebrae, Finep e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

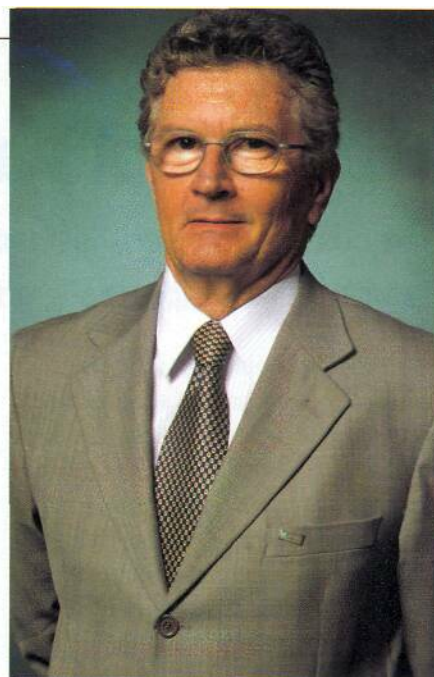
A renda das incubadoras é formada por uma taxa simbólica de locação de espaço, paga pelos empreendedores residentes, de recursos da entidade gestora, como universidades, centros de pesquisa ou prefeituras, além de editais e chamadas das principais entidades de fomento. Parte da receita também vem diretamente do Ministério de Ciência e Tecnologia e, recentemente, do BNDES, que



Plonski: retorno para a sociedade deve ser maior do que o custo

criou alguns programas de apoio à inovação nas micro e pequenas empresas. De acordo com o presidente da Anprotec, Ary Plonski, o objetivo não é ter incubadoras lucrativas, mas sustentáveis. "A nossa preocupação é que o retorno para a sociedade, por meio de soluções inovadoras, serviços e mesmo impostos, seja maior do que o custo que a sociedade tem para mantê-las", diz.

Para o futuro, a tendência é que as incubadoras passem a se tornar elementos centrais nas universidades.



Risola: candidato precisa provar bom histórico acadêmico e empresarial

"Naquelas universidades que estão se tornando empreendedoras, teremos três espaços conectados de aprendizagem: sala de aula, laboratório e incubadora", diz Plonski. A Anprotec trabalha hoje com o que chama de "reposicionamento estratégico", para tornar os projetos mais relevantes e, conseqüentemente, atrair mais recursos e investimentos. Entre as metas do reposicionamento, estão programas de pré-incubação coletiva para integrar incubadoras e parques tecnológicos em um conceito de redes cooperativas e cursos de pós-graduação mais orientada para projetos com potencial de geração de empreendimentos.

Para Sylvio Goulart, do Cinet, o movimento de integração entre conhecimento e aplicação é base para o desenvolvimento, pois, sem empresas inovadoras, o Brasil fica fora do jogo da globalização. "E daí vamos continuar como estivemos nos últimos 500 anos, só que, em vez de exportar pau-brasil, açúcar, ouro e café, vamos exportar minério de ferro, carne e suco de laranja, quer dizer, continua a situação de periferia. Para entrarmos no centro da economia, com vantagem competitiva, só através da inovação tecnológica. E isso significa empresa brasileira forte."

